

REVISÃO DO GÊNERO *MYOXOMORPHA* WHITE, 1855

(COLEOPTERA-CERAMBYCIDAE) *

(Com 15 figuras)

RENATO CONTIN MARINONI **

CÉLIA MARIA DALOSSI

Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná.
Curitiba, PR.



INTRODUÇÃO

Em meados de 1967 recebemos para estudo, da coleção Campos Seabra, alguns exemplares de Acanthoderini que à primeira vista se assemelhavam ao gênero *Taurorcus*, pelo seu "facies" e pela coloração inteiramente castanha-escurecida da pubescência, e que nos levou a examiná-los mais atentamente. Tendo determinado os exemplares como pertencentes ao gênero *Myoxomorpha*, resolvemos descrever a espécie citada, que julgamos nova, com o nome *Myoxomorpha seabrai*, em homenagem ao Dr. Carlos Alberto Campos Seabra que muito nos tem auxiliado no estudo dos cerambycídeos, e aproveitamos a oportunidade para fazer a revisão deste pequeno gênero de Acanthoderini, retirando do mesmo, para *Acanthoderes (Psapharochrus)*, a espécie descrita por PROSEN & LANE como *Myoxomorpha pereirai*.

MYOXOMORPHA WHITE, 1855

Myoxomorpha White, 1855 — Cat. Col. Inst. Brit. Mus., 8:355; BATES, 1861 — Ann. Mag. Nat. Hist. (3) 8:151-152 (descr.); THOMSON, 1864 — Syst. Ceramb. p. 17 (design. tipo), 350 (chave); THOMSON, 1868 — Physis 2(6):147; LACORDAIRE, 1872 — Gen. Col. 9(2):737 (chave, 745-746; GEM-

MINGER & HAROLD, 1873 — Cat. Col. 10:3143; AURIVILLIUS, 1912 — Col. Cat. 23:380; NEAVE, 1940 — Nomenclator Zoologicus, 3:245; BLACKWELDER, 1946 — U. S. Nat. Mus. Bull., 185:609; PROSEN & LANE, 1955 — Pap. Av. Dep. Zool. Sec. Agric. S. Paulo, 12(4):133-140; GILMOUR, E. F., 1965 — Cat. Lam. Monde, (8):609.

Espécie-tipo: *Acanthoderes funesta* Erichson, 1848.

Histórico — Em 1855, WHITE cria o gênero *Myoxomorpha* sem caracterizá-lo, incluindo as espécies *Acanthoderes funesta* de ERICHSON, 1848 e *Acanthoderes funerarius* do Catálogo de DEJEAN. O gênero é válido por incluir *funesta*. Em 1861, BATES faz a descrição do gênero *Myoxomorpha* com base em *funesta* Erichson, e descreve a espécie de DEJEAN, *funerarius*, dentro do gênero *Acanthoderes*. Em 1864, THOMSON designa *funesta* como tipo do gênero, e em 1868 o mesmo descreve *M. Erichsonii* e coloca dentro do gênero a espécie *Acanthoderes funerarius* Bates, 1861. Em 1872, LACORDAIRE retira estas duas últimas espécies, *erichsonii* Thomson, e *funerarius* Bates, do gênero *Myoxomorpha*, e descreve dentro deste *M. vidua*. Em 1955, PROSEN & LANE acrescentam uma terceira espécie, *M. pereirai*.

BATES foi considerado por todos os demais autores como autor de *Myoxomorpha*, exceto NEAVE, 1940 e PROSEN & LANE, 1955, estes últimos justificando a autoria como sendo de WHITE, 1855, com o que concordamos.

Diagnose — Corpo oblongo, aproximadamente duas e meia vezes mais longo que largo, com cobertura densa. Olhos com granulação grossa, os lobos inferiores largos projetados lateralmente além das

* Contribuição n.º 244 do Departamento de Zoologia da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Paraná.

** Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas. Os autores agradecem, além do Dr. Carlos Alberto Campos Seabra a quem dedicamos a nova espécie, ao Prof. Pe. Jesus S. Moure pelo contínuo apoio dado ao nosso trabalho, ao Dr. Ubirajara R. Martins do Departamento de Zoologia da Secr. Agricultura de S. Paulo pelo empréstimo de material e envio de cópia de parte da bibliografia.

genas e ligados aos superiores por, no mínimo, três filas de omatídios. Mandíbulas robustas, com comprimento pouco maior que duas vezes a altura da face externa junto à base, nos machos e fêmeas. Genas convergentes. Élitros convexos, aproximadamente quatro vezes mais longos que o pronoto. Cavidade cotilóide intermediária aberta. Tarsos anteriores, nos machos, dilatados, não franjados. Genitália dos machos (figs. 1, 2, 3, 5): Tergmen com parâmeros aproximadamente três vezes mais longos que largos; ventralmente na base dos parâmeros com um processo achatado, projetado para o ápice; pênis com o ápice arredondado.

Descrição — Cabeça com a fronte pouco convexa, quase plana, transversal (medida do clipeo até o nível dos bordos superiores dos lobos inferiores dos olhos), na menor distância entre os olhos mais estreita que a metade da maior distância entre os bordos externos dos referidos olhos, com uma área supra-clipeal levemente deprimida em forma de meia-lua (exceto em *M. vidua*). Vértice deprimido entre os tubérculos anteníferos e com a menor distância entre os olhos aproximadamente igual à metade da menor largura da fronte. Tubérculos anteníferos largos, pouco salientes. Genas (área malar) em seu menor comprimento com menos que a metade da altura do lobo inferior do olho e igual ou menor que menor largura do segundo artigo antenal; em vista frontal convergentes. Olhos com granulação grossa, fortemente chanfrados, com lobos inferiores largos, subquadrados, largamente projetados lateralmente além das genas, e ligados aos superiores por, no mínimo, três filas de omatídios. Clipeo com o ápice da porção quitinizada projetada para frente formando uma carena irregular, chanfrado; porção membranosa, microscopicamente áspera, amoldando-se ao labro, este com uma área triangular glabra apical. Mandíbulas robustas, com o comprimento pouco maior que duas vezes a altura da face externa junto à base. Palpos fusiformes, com secção transversal elíptica. Antenas simples, pubescentes, com poucas cêrdas no ápice dos artigos; escape claviforme, curto, não ultrapassando a metade do protórax, ou ápice do tubérculo lateral e menos longo que o terceiro artigo, com a face externa convexa, com depressão longitudinal na metade basal (exceto *scabrai*), a face interna sinuosa amoldando-se à cabeça e protórax; segundo artigo longo, com mais que o dôbro de sua menor

largura. Protórax no bordo anterior mais largo que longo, a cada lado um tubérculo de base ampla e ápice agudo; bordos anterior e posterior levemente sinuosos; disco do pronoto somente elevado e sem tubérculos em *scabrai* e com dois tubérculos laterais e um pequeno central em *funesta* e *vidua*. Escutelo trapeziforme, na base mais largo que longo, com o bordo posterior convexo. Élitros convexos, aproximadamente quatro vezes mais longos que o pronoto e menos longos que o dôbro de sua largura; úmeros arredondados não salientes, sem ultrapassar, ou muito pouco, a linha de base do escutelo; com leve sulco ad-sutural do meio para o ápice. Prosterno pouco mais curto que o pronoto, aproximadamente sete citavos; com a porção anterior às cavidades cotilóides aproximadamente igual à metade do maior diâmetro destas; processo prosternal mais estreito que o comprimento da porção anterior às cavidades cotilóides e muito mais elevado, convexo, levemente chanfrado no bordo posterior e projetado látero-apicalmente fechando as cavidades cotilóides, estas subcirculares com forte chanfro no bordo externo. Mesosterno curto, com o processo mesosternal elevado, pouco convexo, aproximadamente tão largo quanto o dôbro do processo prosternal com o bordo posterior fracamente côncavo. Cavidades intermediárias abertas. Metasterno mais largo que longo, mais longo que o prosterno e somado ao mesosterno com aproximadamente o dôbro daquele. Metepisterno cuneiforme com o bordo interno sinuoso. Pernas normais, moderadamente longas, as anteriores as mais curtas, as posteriores maiores; os fêmures clavados, os anteriores progressivamente desde a base, os médios e posteriores mais pedunculares, os posteriores não atingindo o ápice do abdômen; tíbias aproximadamente tão longas quanto os respectivos fêmures, levemente achatadas, progressivamente dilatadas da base para o ápice, as anteriores mais fortemente. Tarsos anteriores nos machos dilatados, não franjados, os artigos primeiro e segundo juntos aproximadamente tão longos quanto largos, mais ou tão longos quanto o artigo apical, os três primeiros artigos de igual largura; nas fêmeas os artigos primeiro e segundo juntos mais longos que largos e aproximadamente tão longos quanto o artigo apical, o terceiro artigo o mais largo. Tarsos médios e posteriores subiguais, com os artigos primeiro e segundo somados mais longos que largos, o artigo primeiro mais

curto que o segundo e terceiro juntos. O abdômen com o primeiro esterno aparente (3.^o) mais longo que o prosterno; o quinto esterno aparente (8.^o) mais curto que o primeiro, fortemente convexo e com uma linha longitudinal nas fêmeas, e pouco convexo, sem linha longitudinal média nos machos.

Genitália dos machos: Tégmen com parâmeros aproximadamente três vezes mais longos que largos; ventralmente na base dos parâmeros com um processo achatado, projetado para o ápice; pênis com o ápice arredondado.

Genitália das fêmeas: Bursa copulatrix com um par de gonapófises muito longas, com o ápice levemente quitinizado. Neste um pequeno processo, tão longo quanto largo, com pêlos longos (fig. 7).

CHAVE PARA AS ESPÉCIES

1 — No dorso somente com pubescência castanha-escura; pronoto sem tubérculos no disco; gena (área malar) de comprimento aproximadamente igual a um quarto da altura do lobo inferior do ôlho; pontuação na base dos élitros densa, com mais de 15 pontos em área idêntica ao escutelo, logo abaixo do mesmo. *M. seabrai* sp. n.

No dorso com pubescência castanha-escura e grisea ou branca-pardacenta; pronoto com tubérculos no disco; gena (área malar) de comprimento pouco menor que a metade da altura do lobo inferior do ôlho; pontuação na base dos élitros sempre com menos que 15 pontos em área idêntica ao escutelo, logo abaixo do mesmo 2

2 — Élitros, nas manchas de pubescência clara, com tôda a pontuação aureolada de pubescência castanha-escura; ápice dos élitros truncados, às vezes formando leve dente externo; pontuação na base dos élitros pouco densa, com menos de 10 pontos em área idêntica à do escutelo, logo abaixo do mesmo *M. funesta* (Erichson).

Élitros, nas manchas de pubescência clara, com pontuação não aureolada de pubescência castanha-escura, ou raramente com alguns pontos aureolados perto das manchas escuras; ápice dos élitros isoladamente côncavos, formando dente no lado externo; pontuação na base dos élitros densa, com mais de 10 pontos em área idêntica ao escutelo, logo abaixo do mesmo *M. vidua* Lacordaire.

MYOXOMORPHA FUNESTA

(ERICHSON, 1848)

(Est. —1)

Acanthoderes funesta Erichson, 1848 — Schomb. Reise, 3:573 (apud PROSEN & LANE, 1955) *Myoxomorpha funesta* White, 1855 — Cat. Col. Inst. Brit. Mus., 8:355; BATES, 1861 — Ann. Mag. Nat. Hist., (3)8:152; THOMSON, 1864 — Syst. Ceramb. p. 17 (desig. tipo gen.), 350; THOMSON, 1868 — Physis, 2(6):147; LACORDAIRE, 1872 — Gen. Col. 9(2):746 nota 4; GEMMINGER & HAROLD, 1873 — Cat. Col. 10:3143; AURIVILLIUS, 1923 — Col. Cat. 23:380; BLACKWELDER, 1946 — U. S. Nat. Mus. Bull., 185:609; PROSEN & LANE, 1955 — Pap. Av. Dep. Zool. S. Agricultura S. Paulo, 12(4):133-140; GILMOUR, 1965 — Cat. Lam. Monde, (8):609.

Histórico — ERICHSON, 1848, descreve a espécie dentro do gênero *Acanthoderes*. WHITE, 1855, cria o gênero *Myoxomorpha* incluindo esta espécie. BATES, 1861, redescrive-a dando alguns dados sobre sua biologia. Em 1864, THOMSON designa-a como tipo do gênero. Em 1872, LACORDAIRE faz nova redescrção e a compara com a nova espécie por êle descrita. PROSEN & LANE, 1955, fazem estudos de ordem sistemática e de distribuição geográfica, bem como a transcrição da diagnose original de ERICHSON. As demais citações são as de Catálogos.

Diagnose — Dorsalmente com pubescência castanho-escura e grisea ou branco-pardacenta; élitros, nas manchas de pubescência clara, com a pontuação aureolada de pubescência castanho-escura. Pronoto com dois tubérculos laterais e um mediano; escapo tão longo quanto o quarto artigo; ápices dos élitros conjuntamente truncados. Pontuação na base dos élitros pouco densa, com menos de 10 pontos em área igual a do escutelo, logo abaixo do mesmo.

Descrição — *Fêmea* — Cabeça com pubescência griseo-sericea no clipeo, fronte e vértice, neste em forma de "V". Antena, no escapo, com pubescência castanha e branca meselada, esta mais nítida no ápice; demais artigos com pubescência castanha com um anel basal de pubescência branca, último artigo quase totalmente branco. Pronoto com uma faixa longitudinal média, com bordos irregulares, de pubescência griseo-sericea; lateralmente com pubescência castanho-escura. Escutelo com pu-

bescência griseo-serícea. Élitros com pubescência castanho-escuro; no têrço basal com pequenas manchas, no têrço médio com uma faixa longitudinal de largura aproximadamente igual a um têrço da largura do élitro, que na porção anterior se projeta lateralmente, e no têrço apical com uma mancha em forma de "meia-lua", com concavidade voltada para a porção anterior, de pubescência griseo-serícea; as manchas do têrço médio e basal ligadas pelas suturas elitrais; as manchas claras dos élitros com a pontuação aureolada de pubescência castanho-escuro. Face ventral com pilosidade griseo-serícea. Pernas com pilosidade griseo-serícea muito esparsa; sulcos das tíbias anteriores e médias e escovas dos tarsos com pilosidade fulva.

Gena (área malar), no seu menor comprimento, pouco mais curta que a metade da altura do lobo inferior do olho e pouco mais longa que o maior diâmetro do segundo artícuo antenal. Antenas mais curtas que o corpo; escapo tão longo quanto o quarto artícuo e, junto com o segundo, maior que o terceiro; segundo artícuo tão longo quanto a metade do escapo; artícuos terceiro a décimo primeiro decrescentes. Pronoto com dois largos tubérculos sobre o disco, um a cada lado da linha média longitudinal, um pouco anteriores aos tubérculos laterais, e um fraco tubérculo sobre a linha média, no têrço posterior. Élitros com duas fracas elevações basais; ápices conjuntamente truncados. Abdômen pouco mais longo que a soma dos esternos torácicos; o último segmento um pouco mais longo que o segundo, com bordo apical emarginado.

Cabeça, na frente, com pontuação grossa esparsa, mais concentrada entre os tubérculos anteníferos. Entre estes uma pequena área em forma de losango, glabra. Pronoto com pontuação grossa dispersa entre os tubérculos. Élitros com pontuação grossa mais densa junto à base, porém sempre com menos que dez pontos em área igual a do escutelo, logo abaixo do mesmo (fig. 8). Face ventral com pontos grossos. No ápice dos segmentos abdominais com uma faixa glabra, mais larga medianamente. Último esterno abdominal com bordo emarginado.

Macho — Abdômen mais curto que a soma dos esternos torácicos. Último esterno abdominal com o bordo apical quase reto.

Genitália dos machos (figs. 1, 5). Tégmen com parâmeros aproximadamente três vezes mais lon-

gos que largos; em secção transversal côncavos formando, em conjunto, uma calha ventral; na base dos parâmeros, junto à pega basal, com um processo achatado, projetado para a frente.

Comprimento médio (bordo anterior do protórax ao ápice dos élitros): machos — 19,4 mm. (25,0 — 14,2); fêmeas — 20,5 mm. (24,1 — 17,2). Largura média (úmeros): machos — 7,7 mm. (11,2 — 5,3); fêmeas — 8,5 mm. (10,1 — 6,7).

Os exemplares desta espécie apresentam uma série de pequenas variações com relação à pubescência, tais como: escapo somente com pubescência castanho-escuro; fronte e pronoto com pequenas manchas castanho-escuro; escutelo com mancha central castanho-escuro; mancha grisea do têrço médio dos élitros muito irregular, quando grande representando uma imagem invertida da mancha apical. Morfológicamente as maiores variações são: a do bordo da porção quitinosa do elípeo, que pode ser quase reta a fortemente chanfrada e elevada, formando uma carena, ou não; a do ápice dos élitros que, sendo truncado, pode apresentar um fraco dente no canto externo, porém não projetado como em *vidua*; a da antena, nos machos, que pode ultrapassar um pouco o ápice dos élitros.

Biologia — Os únicos dados conhecidos são os citados por BATES, 1861, ou seja, encontrados sob a casca solta de árvores caídas, principalmente *Inga* e outras leguminosas. Muito lentos em seus movimentos.

Distribuição geográfica (os algarismos romanos após a localidade indicam o mês em que se deu a coleta): BRASIL — Amazonas: Benjamin Constant (VI, XII); Rio Quichito, Benjamin Constant (VII, XII); Rio Itucuai — Benjamin Constant (V); Rio Itui — Benjamin Constant (VI, VII); Rio Juruá; Tefé (I, V, VI, VII, XI); Cadajas (X); Manaus (IV, VIII, X, XII). Pará: Jacareacanga (IX, X); Cachimbo (IX, X); Óbidos (I); Mangabeira, Mocajuba (X); Maloca Tiryó, Rio Paru de Oeste (III). Rondônia: Forte Príncipe da Beira (XI, XI-XII). Mato Grosso: Salobra (X); Coxim; Rio Verde (X). São Paulo: Marília (XI); Presidente Wenceslau (XI). PERU — Satipo (IX, X, XI). BOLÍVIA — Santa Cruz: Buena Vista.

Segundo ERICHSON (apud PROSEN & LANE, 1955), esta espécie vive nas cercanias do Monte Roraima. AURIVILLIUS, 1923, assinala Cayena.

MYOXOMORPHA VIDUA LACORDAIRE, 1872
(Est. —2)

Myoxomorpha vidua Lacordaire, 1872 — Gen. Col. 9(2):746, nota 4; GEMMINGER & HAROLD, 1873 — Cat. Col., 10:3143; AURIVILLIUS, 1912 — Col. Cat., 23:380; BLACKWELDER, 1946 — U. S. Nat. Mus. Bull. 185:609; PROSEN & LANE, 1955 — Pap. Av. Dep. Zool. S. Agric. S. Paulo, 12(4):133-140; GILMOUR, 1965 — Cat. Lam. Monde, (8):609.

Histórico — Após a descrição da espécie por LACORDAIRE, 1872, a mesma só foi estudada por PROSEN & LANE, 1955, que fizeram considerações sobre sua posição sistemática, distribuição geográfica e biologia. As demais citações são as de Catálogos.

Diagnose — Dorsalmente com pubescência castanha-escura e grisea ou branca pardacenta; élitros, nas manchas de pubescência clara, com a pontuação não aureolada de pubescência castanha-escura, ou raramente com alguns pontos aureolados perto das manchas escuras. Pronoto com dois tubérculos laterais e um mediano; escapo aproximadamente tão longo quanto o quinto artigo antenal; ápices dos élitros isoladamente côncavos, formando dente externo. Pontuação na base dos élitros densa, com mais de 10 pontos em área igual a do escutelo, logo abaixo do mesmo.

Descrição — Macho — Cabeça com pubescência grisea esparsa na base da mandíbula e gena (área malar), e densa no clipeo, fronte e vértice, neste em forma de “V” com o meio castanho escuro. Clipeo, na união das porções quitinosa e membranosa e têrço apical do labro com pêlos fulvos brilhantes. Escapo antenal com pubescência castanha-escura mesclada de rara pubescência grisea, e alguns cílios curtos fulvos na face interna; demais artigos antenais com pubescência castanha-escura, com anéis basal e apical no segundo artigo e somente basal nos restantes de pubescência grisea; raros cílios curtos fulvos no ápice dos artigos terceiro a décimo primeiro. Pronoto com uma faixa média longitudinal de pubescência grisea, com bor-

dos irregulares, com pequenas manchas castanhas-escuras; lateralmente com pubescência castanha-escura. Escutelo com pubescência grisea com mancha central castanha-escura. Élitros com pubescência castanha-escura; nos dois têrços basais com pequenas manchas griseas, mais concentradas posteriormente; no têrço apical com duas manchas transversais de pubescência grisea, a mais anterior com bordos anterior e posterior muito irregulares e a posterior com o bordo anterior irregular e o posterior alcançando o ápice dos élitros; os pontos, nas manchas de pubescência grisea, não aureolados de pubescência castanha. Face ventral com pubescência grisea mais escura que a dorsal. Pernas com pilosidade semelhante à dos esternos; fêmures, com um anel próximo ao ápice, e tíbias, com duas largas manchas quase em anel pouco além da base e no ápice, de pubescência castanha-escura; tarsos dorsalmente com pubescência grisea. Os tarsos ventralmente e os sulcos tibiais com pêlos fulvos brilhantes.

Gena (área malar) como em *funesta*. Antenas ultrapassando o ápice dos élitros em pelo menos dois artigos; escapo aproximadamente tão longo quanto o quinto artigo, e somado ao segundo aproximadamente igual ao terceiro; segundo artigo mais longo que o dobro de sua largura e tão longo quanto a metade do escapo; os artigos terceiro a décimo primeiro decrescentes. Pronoto como em *funesta*. Élitros proporcionalmente como em *funesta* porém, logo após o escutelo, com duas fracas elevações e uma área triangular levemente achatada limitada por duas linhas que partem uma de cada úmero até próximo ao têrço apical; ápices isoladamente côncavos, com dente no canto externo. Face ventral e pernas como em *funesta*, com o abdômen aproximadamente tão longo quanto a soma dos esternos torácicos.

Cabeça com pontuação grossa igualmente distribuída pela fronte e vértice, com uma área glabra em forma de losango entre os tubérculos anteníferos. Pronoto com pontuação grossa, exceto sobre os tubérculos. Élitros com pontuação grossa densa, com mais de 10 pontos em área igual à do escutelo, logo abaixo do mesmo (fig. 9), e mais esparsa para o ápice. Face ventral como em *funesta*.

Fêmea — Antenas alcançam o ápice dos élitros. Quinto segmento abdominal com o bordo apical emarginado.

Genitália dos machos (fig. 2) — Como a de *funesta*.

Comprimento médio: machos — 16,9 mm. (21,7 — 11,2); fêmeas — 17,2 mm. (21,7 — 10,3).

Largura média: machos — 6,8 mm. (9,3 — 4,5); fêmeas — 7,0 mm. (8,8 — 4,0).

Os exemplares desta espécie podem apresentar manchas de pubescência castanha-escura na fronte, vértice e pronoto. Os desenhos elitrais são muito irregulares, principalmente na base, mas é possível definir as seguintes áreas mais ou menos nítidas: quatro faixas transversais de pubescência grisea com bordos anterior e posterior irregulares ligadas através das suturas elitrais, uma pouco além da base, uma na região quase mediana, uma no quinto apical e outra no ápice, separadas por faixas de pilosidade castanha-escura. Esta, no entanto, por substituição, é a cor predominante na maioria dos exemplares. As faixas mais constantes são as do tórax apical e facilitam a distinção entre esta espécie e *funesta*. Em *vidua* a pubescência clara cobre quase que invariavelmente todo o ápice, ao contrário de *funesta* onde ela está praticamente restrita às suturas elitrais.

Biologia: Os dados conhecidos são os citados por PROSEN & LANE — ocorrem em açoita-cavalo (*Luhea sp.*) durante os meses de outubro a dezembro.

Distribuição geográfica (os algarismos romanos após a localidade indicam o mês em que se deu a coleta): BRASIL — Pará: Canindé, Rio Gurupi (XII); Mangabeira, Mocaçuba (X); Mojú; Cachimbo (IX, X). Mato Grosso: Barra do Tapirapé (XII); Utiariti, Rio Papagaio (X); Rosário Oeste (XI); Chapada dos Guimarães (X); Rio Verde (X, XI); Salobra (X). Goiás: Jaraguá; Leopoldo Bulhões (X); Vianópolis (X); Pires do Rio (X); Rio Verde (X, XII). Minas Gerais: Belo Horizonte; Morro da Garça (X); Lavras (X); Três Corações (II); Ibiraci (X); Passos (XI); Ibiá (X); Pouso Alegre. São Paulo: Andradina (XII), Marília (IX, XI); Batatais (XII); Franca; Rio Claro (X, XI, XII); Fazenda Pau d'Alho, Itú (X); Ipiranga, S. Paulo; Campos do Jordão; Gavião Peixoto (X); Fazenda Santa Maria, Monte Alegre (XI). PARAGUAI — Las Misiones: Villa Florida (I). Cordilleras: Caacupe (XII).

PROSEN & LANE, 1955, assinalam um exemplar de Santa Catarina — Brasil, sem mais indicações.

MYOXOMORPHA SEABRAI SP. N.

(Est. —3)

Diagnose — No dorso somente com pubescência castanha-escura. Gena (área malar) de comprimento aproximadamente igual a um quarto da altura do lobo inferior do olho; pronoto com disco elevado, sem tubérculos; escapo aproximadamente tão longo quanto o quinto artícuo antenal; ápices dos élitros isolados em ponta largamente obtusa, quase arredondada. Pontuação na base dos élitros densa, com mais de 15 pontos em área idêntica à do escutelo, logo abaixo do mesmo.

Descrição — Macho — Corpo com pubescência castanha-escura, exceto labro, elípeo, face ventral dos tarsos, bordos dos tarsos anteriores e sulcos das tíbias com pêlos fulvos.

Gena (área malar), no seu menor comprimento, aproximadamente igual a um quarto da altura do lobo inferior do olho e menor que a largura do segundo artícuo antenal. Antenas pouco mais longas que o corpo, ultrapassando o ápice dos élitros em três artícuos; o escapo aproximadamente tão longo quanto o quinto artícuo, semado ao segundo aproximadamente igual ao terceiro; segundo artícuo quase tão longo quanto o dobro de sua largura e mais curto que a metade do escapo (pouco maior que um tórax); artícuos terceiro a décimo primeiro decrescentes. Pronoto com o disco elevado, sem tubérculos. Élitros em declive desde as fracas elevações da base até o ápice; com linhas longitudinais elevadas; ápices isolados em ponta largamente obtusa, quase arredondada. Prosterno não deprimido longitudinalmente, praticamente no mesmo nível de seus bordos laterais. Abdômen quase tão longo quanto a soma dos esternos torácicos; último segmento abdominal com bordo apical levemente emarginado.

Cabeça, na fronte e vértice, com pontuação grossa ao longo da linha média longitudinal. Pronoto com pontuação grossa, pouco mais densa que nos élitros, irregularmente distribuída. Élitros com pontuação grossa densa, com mais de 15 pontos em área idêntica ao escutelo, logo abaixo do mesmo (fig. 10). Demais áreas sem pontuação grossa.

Fêmea — Antenas alcançam o ápice dos élitros.

Genitália dos machos (fig. 3) — Tégmen com parâmeros aproximadamente três vezes mais longos que largos. Os parâmeros elípticos em secção transversal não formando calha ventralmente e na base com um processo achatado projetado para a frente.

Holótipo macho e Alótipo fêmea procedentes de Cachimbo-PA, Brasil, 25/9-10-1956, Travassos, Oliveira e Adão leg., na Coleção Campos Seabra. Parátipos machos e fêmeas distribuídos nas coleções Campos Seabra (CS), Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo (DZSP) e Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Paraná (DZUFP).

Comprimento médio: machos — 12,5 mm (15,5 — 9,7); fêmeas — 14,4 mm. (17,2 — 11,7).

Largura média: machos — 5,1 mm. (6,3 — 4,0); fêmeas — 5,7 mm. (7,2 — 4,8).

Os exemplares desta espécie pouco variam, excepto quanto ao tamanho conforme descrito acima. Dentre as pequenas variações as que se destacam são: o pronoto com áreas sem pontuação grossa e as linhas longitudinais dos élitros muito pouco elevadas, inconspícuas.

Tivemos em mãos um exemplar macho com ausência da antena esquerda, resultando no desaparecimento do tubérculo antenífero e na quase junção dos bordos internos dos lobos superior e inferior do olho, apenas restando entre os mesmos uma estreita faixa de pubescência fulva.

Biologia: Nenhum dado é conhecido.

Distribuição geográfica e material examinado: Os exemplares desta espécie foram coletados somente em Cachimbo — Pará — Brasil e, além do Holótipo e Alótipo, tivemos em mãos os seguintes exemplares (parátipos): 25/9-10/1956 — Travassos, Oliveira & Adão leg. 5 machos, 5 fêmeas (CS), 2 machos, 2 fêmeas (DZUFP); IX/1954 — M. Alvarenga leg. 2 machos, 2 fêmeas (CS); 14-21/IX/1955 — L. Travassos, S. Oliveira leg. 2 machos, 1 fêmea (CS); X/1955 — Pe. F. S. Pereira leg. 1 macho.

ACANTHODERES (PSAPHAROCHRUS)
PEREIRAI (PROSEN & LANE, 1955) N. COMB.
(Est. —4)

Myoxomorpha pereirai Prosen & Lane, 1955 — Pap. Av. Dep. Zool. Secr. Agric. S. Paulo, 12 (4):136-139; GILMOUR, 1965 — Cat. Lam. Monde, (8):609.

Esta espécie, pelos seus caracteres morfológicos, concorda com as espécies *Acanthoderes (P.) nigricans* Lameere, 1885, *Acanthoderes (P.) junco* Fisher, 1938 e *Acanthoderes (P.) cylindrica* Bates, 1861. Esta concordância é evidenciada: pelo dimorfismo sexual das mandíbulas; pelo formato e tamanho dos olhos; pelos tubérculos e carena do pronoto; pelo formato do escutelo e élitros, nestes quer pelas carenas, quer pelo aspecto da pontuação basal; pelos tarsos anteriores dos machos, franjados. Ainda como elemento indicativo da relação entre estas espécies temos a genitália dos machos sem o processo achatado na base dos parâmeros (fig. 4).

DISCUSSÃO SISTEMÁTICA

Pelo fato de existirem problemas quanto a conceituação dos caracteres genéricos, impossibilitando uma definição precisa dos gêneros de *Acanthoderini*, achamos de bom senso fazer uma descrição que abrangesse os caracteres já enunciados por LACORDAIRE e BATES, mais aquêles que nos pareceram serem comuns às espécies, em alguns casos comuns a duas, possibilitando desta maneira um estudo posterior mais crítico do gênero quando fôr feita uma revisão da tribo, que é a nosso entender necessária.

Para um estudo mais preciso da posição sistemática dos gêneros dentro da tribo cremos devam ser melhor estudadas a abertura da cavidade cotilóide intermediária e mais os caracteres morfológicos da cabeça, principalmente a mandíbula que apresenta um dimorfismo sexual muito acentuado em alguns gêneros.

Pelos conhecimentos atuais da tribo achamos estar o gênero *Myoxomorpha* próximo ao gênero *Orcodera* se considerarmos os seguintes caracteres: mandíbulas sem dimorfismo sexual; cavidade cotilóide intermediária aberta; tarsos anteriores dos machos não franjados.

SUMMARY

Revision of the genus *Myxomorpha* White, 1855 (Coleoptera-Cerambycidae).

In this paper the authors make a revision of the genus *Myoxomorpha* White, 1855 and describe a new species from Cachimbo-PA, Brasil, as *Myoxomorpha seabrai*. This species is easily separated from *M. funesta* (Erichson, 1848) and *M. vidua* Lacordaire, 1872 by having brown pubescence on pronotum and elytra, by its denser punctation and by lacking prothoracic dorsal tubercles. *M. pereirai* Prosen & Lane, 1955 is removed from *Myoxomorpha* to *Acanthoderes (Psapharochrus)* for the fore tarsi in the male are dilated and ciliated, the mandibles of the female long and flattened, the pronotum bi-tuberculated with a median carena, the elytra with a costa on each, and the genitalia of the male without a flattened process on the base of the parameres.

BIBLIOGRAFIA

- ARAUJO & SILVA, A. G., et alli, 1968 --- Quarto Catálogo dos Insetos que vivem nas Plantas do Brasil, Parte II — Tomo 1.º, 622 pp. Rio de Janeiro.
- AURIVILLIUS, C., 1923 — *Coleopterorum Catalogus*, 23:380.
- BATES, H. W., 1861 — Contributions to an Insect Fauna of the Amazon Valley. Coleoptera: Longicornes. *Ann. Mag. Nat. Hist.* 3(3):151-152, 212-215.
- 1880 — *Biologia Centrali-Americana, Insecta, Coleoptera, Cerambycidae, Lamiidae*, 5:17-152.
- BLACKWELDER, R. E., 1946 — Checklist of the Coleopterous Insects of Mexico, Central U. S. Nat. Mus. Bull., 185(4):609.
- DEJEAN, P. F. M. A., 1837 --- *Catalogue des Coléoptères Coll. de M. le Comte Dejean*. 3a. Ed. p. 362.
- GILMOUR, E. F., 1965 — *Catalogue des Lamières du Monde*. *Museum G. Frey* (8):609.
- LACORDAIRE, T., 1872 — *Genera des Coléoptères*. Paris, 9(2):737-757.
- LINDROTH, C. H. & E. PALMÉN — *Coleoptera*, in *Taxonomist's Glossary of Genitalia in Insects*, 1956. Ed. S. L. Tuxen p. 69-76.
- NEAVE, S. A., 1940 — *Nomenclator Zoologicus*. 3:245.
- PROSEN & LANE, 1955 --- O Gênero *Myoxomorpha* White, 1855, e Descrição de uma Nova Espécie. *Pap. Av. Dep. Zool. Secr. Agric. S. Paulo*, 12(4): 133-140.
- THOMSON, J., 1864 — *Systema Cerambycidarum ou exposé* *Mém. Soc. Roy. Sci. Liège*, 19:17, 350.
- 1868 — *Materiaux pour servir a une Révision des Lamites (Ceramby., Col.) Physis*, 2(6):145-200.
- WHITE, A., 1855 — *Cat. Col. Insects Coll. Brit. Museum*, 8 *Longicornia* 2:355.

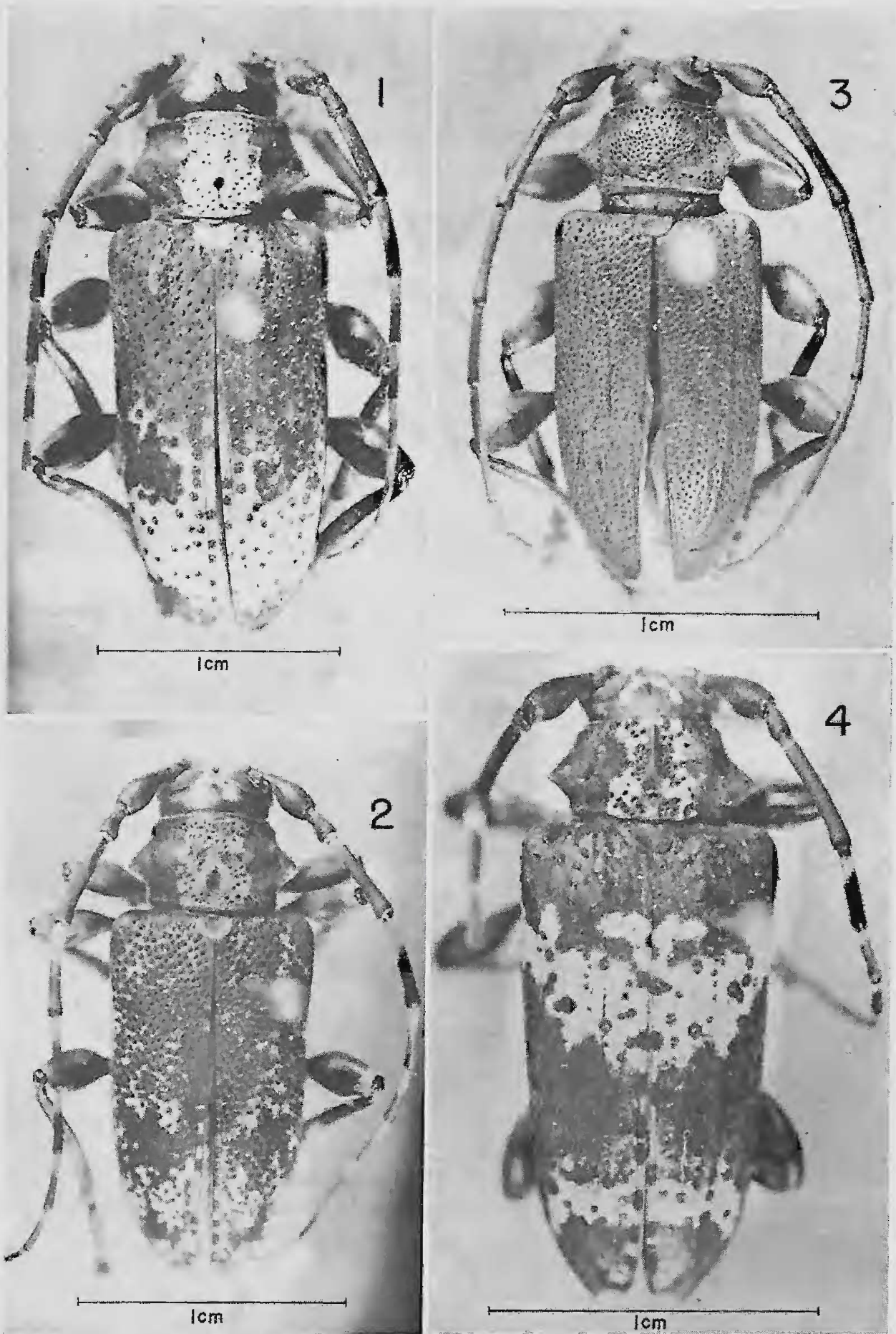
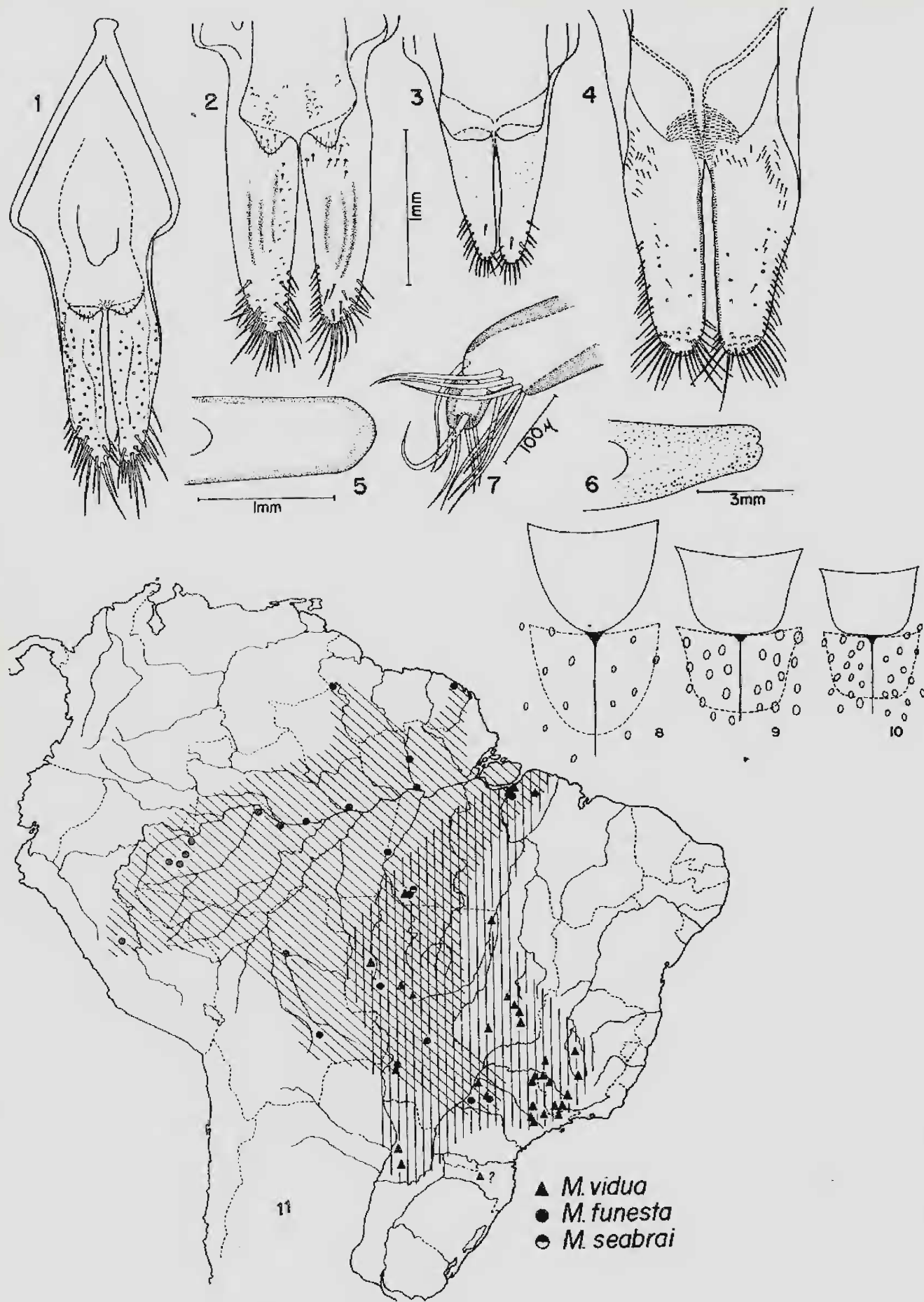


Fig. 1 - *Myxomorpha funesta* (Erichson, 1848), ♂; Fig. 2 - *M. vidua* Lacordaire, 1872, ♂;
 Fig. 3 - *M. seabrai* n. sp., holótipo ♂; Fig. 4 - *Acanthoderes* (*Psapharochrus*) *pererai*
 (Prosen & Lane, 1955) n. comb., alótipo ♂.



Figs. 1-6 - Partes de genitália de machos; Fig. 7 - Parte de genitália de fêmea. *Myoxomorpha funesta*: 1, tégmen; 5, ápice do pênis; 7, ápice da gonapófise. *M. vidua*: 2, parâmeros. *M. seabrai* n. sp.: 3, parâmeros. *Acanthoderes (Psapharochrus) pererai* n. comb.: 4, parâmeros; 6, ápice do pênis. Figs. 8-10 - Pontuação na base dos élitros das espécies: 8, *Myoxomorpha funesta*; 9, *M. vidua*; 10, *M. seabrai* n. sp. Fig. 11 - Mapa da distribuição geográfica do gênero *Myoxomorpha* White, 1855.